sangue novo

Entre a rua e o estúdio, o porquê da Templô

LEO ZANELLA/DIVULGAÇÃO/JC



Banda de Passo Fundo tem lançamento de disco previsto para janeiro de 2027

Joana Luna Camargo

Lucca Missio compunha poemas desde a adolescência e participava de concursos de poesia quando, entre 2018 e 2019, começou a tentar, como lembra, "ao invés de escrever com a caneta, escrever com um violão na mão". Dessa passagem nasceu, no início de 2024, a Templô, banda de Passo Fundo que ele lidera e que, em 13 de dezembro, no Parque da Gare, encerra o Rock na Rua - projeto de shows gratuitos por bairros da cidade. Antes disso, o grupo toca neste sábado no Babel Studio Bar (Princesa Isabel, 360 - Passo Fundo), com a porto-alegrense Shaun, e no dia 27 no Batatas (Independência, 560 - Passo Fundo), enquanto finaliza o primeiro disco, *O Porquê dos Porquês*, previsto para janeiro de 2027.

A ideia da banda veio quando Lucca, responsável pela voz e violão, quis tirar da gaveta suas canções autorais. Os músicos vieram por indicação, e a formação, que já trocou de guitarrista e de baterista, hoje reúne Andrey Jardim na guitarra, Jean Messina no baixo, Diego Souza na bateria e, no teclado, Bruno Philippsen, produtor de todos os lançamentos. Tainá Corrêa, produtora executiva, completa o time como sexta integrante. O nome meio místico surgiu durante uma conversa em que eles folheavam livros e dicionários em busca de palavras, até encontrar "templo", que remetia a lar e aconchego. O acento foi agregado para dar o peso que buscavam para a identidade do som.

Na bagagem musical, Lucca trazia Tim Bernardes, O Terno, The Beatles, The Rolling Stones e Johnny Cash, referências que, na Templô, ganharam a companhia de Gilberto Gil, diversas brasilidades e nomes da cena autoral gaúcha. A mistura do que cada integrante ouve e toca resultou no folk, blues e MPB que o quinteto usa para se apresentar, embora, explicam, o som não seja só rock e tenha um lado experimental difícil de resumir.

As letras saem de uma escrita constante. Tudo o que Lucca vive, sente e atravessa no dia a dia vira matéria para os versos. Intimista e à flor da pele, como a banda resume, o repertório costuma lançar perguntas e respondê-las dentro da própria música. Esse estilo de linguagem estreou em 2024, com o single *Mais Um Dia Com Você*, que depois integrou o EP *Minha Vida em Cartaz*, ambos gravados no Estúdio Dom Rodolfo com produção de Bruno. As cinco faixas do EP foram pensadas como um filme, e as canções funcionam como páginas de um diário.

No fim de 2025, o quinteto levou esse repertório para a rua por meio do Rock na Rua, projeto contemplado pela Política Nacional Aldir Blanc. A iniciativa, que chega em dezembro à décima e última edição, passou por bairros periféricos de Passo Fundo - como Bom Jesus e Independente II - sempre com palco, artistas convidados, feira de economia criativa e *food truck*. A experiência, avalia o vocalista, fez o grupo perceber "o quão importante é a cultura para quem geralmente não acessa". Na mesma linha, o próximo passo é o Música para Todos, projeto com incentivo municipal no qual lares de idosos, escolas e ONGs devem receber shows a partir do primeiro semestre de 2027.

Enquanto circula, a banda está em processo final d'*O Porquê dos Porquês*, que leva o nome de uma das 13 faixas e reúne composições que já estavam prontas e outras que ganharam forma nos ensaios, trabalhadas sem pressa. Diferentemente do EP, montado com as músicas que mais combinavam com o que o público poderia esperar, o disco segue por caminhos mais experimentais, que a própria Templô não sabe se vão agradar numa cidade onde ainda há pouco espaço para o autoral. "Não é barbada, não é fácil, mas é muito lindo (se dedicar a) isso", diz.

qual é a boa?

Procurando boas dicas culturais para esse feriado? A redação do Jornal do Comércio une esforços e traz sugestões de como aproveitar a movimentada agenda cultural deste final de ano. Tem um pouco de tudo, para todos os gostos - até para quem prefere ficar em casa!

ARTUR KOCH/JC



Nesta sexta-feira, a Fresno volta a Porto Alegre com a turnê do novo disco, *Carta de Adeus*. Depois do histórico show na Redenção, em maio, com cerca de 70 mil pessoas, a banda gaúcha sobe ao palco do Araújo Vianna apresentando novas canções e clássicos dos mais de 25 anos de carreira. E como da última vez, o grupo traz à cidade uma versão *pop-up* da loja Fresno1999, no 4Beer do 4º Distrito. Vale garantir o *merch* oficial e ter a chance de encontrar Lucas, Vavo e Guerra, que prometeram uma visita. Ela abre já nesta quinta, a partir das 11h, e na sexta até as 20h. E um *spoiler*: vai rolar uma camiseta exclusiva para Porto Alegre estampada na hora pela Mouse Serigrafia.

Nathan Lemos, videomaker do JC

TÂNIA MEINERZ/JC



Quem vai ficar em Porto Alegre nesse feriado tem a oportunidade de curtir a cidade com mais calma, com trânsito tranquilo e sem correria - um ritmo desacelerado que combina bem com uma visita sem pressa a algumas das galerias e espaços de artes visuais da Capital. Eu, por exemplo, quero dar uma passada no Margs, para conferir a exposição *Romanita Disconzi — Panorâmica*, dedicada a uma das pioneiras no uso de mídias eletrônicas e ferramentas digitais nas artes plásticas do Sul do País. São três ambientes, repletos de obras que vão da gravura à videoarte, passando por diferentes tipos de arte digital. E é tudo de graça, ou seja, é só se programar e dar uma conferida.

Igor Natusch, editor de Cultura do JC

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Para marcar o Dia da Consciência Negra, Seu Jorge sobe ao palco do Bar Opinião nesta sexta-feira, às 20h. O músico percorre os sucessos de sua carreira em um espetáculo dedicado à celebração da cultura, identidade e potência afrobrasileira. Conhecido por desenvolver uma gramática musical marcada pela mistura de ritmos, o artista traz canções como *Burguesinha*, Mina do *Condomínio* e *Carolina*, numa noite de muito samba, MPB, soul, funk e bossa nova. Além dos clássicos, Seu Jorge também apresenta novos trabalhos, como *Baile à la Baiana* (2025), que mistura sons cariocas e baianos, e *The Other Side* (2026), gravado nos EUA, que explora a bossa nova e o jazz.

Andressa Pufal, repórter de Cultura-JC

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



"Eu não tô aqui para ser santa, não tô aqui para ser vítima, mas eu não sou o monstro que as pessoas ouvem falar." Assim começa *Suzane von Richthofen: O que o Tempo Não Apaga*, documentário recém-lançado pela Netflix sobre o assassinato de Manfred e Marísia von Richthofen, pais de Suzane, em 2002. Vale reservar 1h40min para assistir à produção, que já chegou cercada de polêmicas. Uma delas é a ausência de Andreas, irmão de Suzane. As declarações da protagonista ("Eu podia ter parado, mas eu não parei. Eu não consegui parar") provocaram tanta indignação que a diretora, Lygia M. Barbosa, precisou se explicar pelo documentário. E aí, vai assistir?

Cristine Pires, editora-assistente de Economia